

# IRMANDADE DE N. S. DA BOA MORTE: SETOR DA HERANÇA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA<sup>1</sup>

Edvânia Carlos Sales<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

“Fome de quê?” Fome de ver documentado e exposto no Museu Afro-Brasileiro o acervo referente à Irmandade de N. S. da Boa Morte, importante entidade representante da herança cultural afro-brasileira. Esse texto faz parte de um projeto de pesquisa para montagem da Sala da Herança Cultural Afro-Brasileira no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. O projeto trabalha com temáticas referentes à questão da resistência e afirmação de identidade afro-brasileira. Coube-nos pesquisar a Irmandade de N. S. da Boa Morte e para tanto seguimos as orientações da pesquisa bibliográfica, utilizando um corpo documental diversificado como livros, revistas, jornais, monografias e o auxílio da Internet, para mostrar como essa Irmandade conseguiu perpetuar-se durante muitos anos. O texto aborda alguns aspectos sobre a história da confraria religiosa da Boa Morte, como a propagação do culto vindo de Portugal, a construção de Igrejas por várias Irmandades, a hierarquia e a festa em louvor a Nossa Senhora da Boa Morte.

## 2. IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Uma das características de todas as religiões em todos os tempos é a crença na sobrevivência da alma após a morte. Segundo Nascimento (1998, p. 6), “o cristianismo incorporou também a concepção de morte como sendo uma transição de um mundo material e efêmero para um outro mundo espiritual e eterno”. Esse momento se deu na Baixa Idade Média. A inspiração da festividade da boa morte teria como modelo a Virgem Maria na sua morte e assunção corporal no céu. Nascimento (1998) citando Borges nos informa que este culto:

“[...] aparece então com uma nova forma. O seu nascimento e expansão estão intimamente relacionados à Companhia de Jesus. Com efeito, foi na Igreja mãe dos Jesuítas, em Roma, onde pela primeira vez se dedicou em um dos altares a Nossa Senhora da Boa Morte e se instituiu a primeira irmandade sob esta invocação[...]”. (BORGES, apud NASCIMENTO, 1998, p. 8).

Em Portugal o culto teve início em 1660, instalando-se em Lisboa na Igreja do Colégio Santo Antão sob o patrocínio dos Jesuítas, provavelmente. Outras surgiram em Évora no Colégio Espírito Santo em 1693 e no Real Colégio de Jesus em 15 de agosto de 1723, em Coimbra foi criada uma irmandade. A propagação do culto à Boa Morte em Portugal refletiu também no Brasil e as irmandades proliferaram no período colonial e procediam de diferentes locais e culturas. Eram irmandades de ricos, pobres, músicos, pretos, brancos sempre homens e as mulheres só entravam como dependentes para garantirem benefícios com a morte do esposo. Para que uma irmandade funcionasse, diz o historiador Reis (1991), precisava encontrar uma igreja que a acolhesse e ter aprovados os seus estatutos por uma autoridade eclesiástica.

A maioria das irmandades conseguiu construir suas próprias igrejas, como é o caso da Rosário dos Pretos no Pelourinho, com a qual a Boa Morte manteve estreito contato. Segundo

---

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa desenvolvido pelo Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação e orientação da Professora Dra. Joseania Miranda Freitas do CEAO/UFBa/Museu Afro-Brasileiro [joseania@ig.com.br](mailto:joseania@ig.com.br).

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de História com concentração em Patrimônio da Universidade Católica do Salvador – UCSal. [edvaniasalles@ig.com.br](mailto:edvaniasalles@ig.com.br).

Nascimento (1998) os primeiros “atos litúrgicos da Irmandade eram realizados no princípio, na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, que era a igreja das elites locais. Depois as irmãs se transferiram para a Igreja de Santa Bárbara da Santa Casa da Misericórdia, na qual existem imagens de Nossa Senhora da Glória e da Boa Morte. Depois se mudaram para a Igreja do Amparo (desaparecida em 1946). Ficaram ainda usando a Matriz, indo posteriormente para a Igreja da Ajuda” (NASCIMENTO, 1998, p. 23). Depois foram para a Igreja da Barroquinha hoje em ruínas, de onde os gegês deslocaram-se até Cachoeira.

Cachoeira, cidade situada no Recôncavo Baiano, desde o início do século viveu em dificuldades momentâneas da economia açucareira e do fumo, mas também conheceu o progresso através de técnicas agrícolas implantadas e a introdução da indústria. Com a inauguração do serviço de navegação a motor o Recôncavo se integrou à Capital, Salvador, aumentando os negócios e a circulação de negros que construíram sólidos laços com essa cidade e outras. Um dos motivos do deslocamento dos negros para cidades do Recôncavo foi a desobediência. A questão de negócio com outros senhores fez com que Cachoeira e outras cidades tivessem um número acentuado de escravos, e contribuiu para o deslocamento também da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.

Quando a Irmandade se iniciou na capital da província, havia apenas três ou quatro mulheres negras que se reuniam secretamente para conspirar e encontrar meios de alforriar escravos. Por terem mais abertura e circularem com uma certa “liberdade” pela casa, as escravas podiam reunir-se e traçarem estratégias. As escravas, ao mesmo tempo em que serviam na casa dos patrões, trabalhavam no comércio e faziam plantações escondidas, juntando o suficiente para comprar alforrias de outros escravos. Por serem mulheres de iniciativa, os membros da Irmandade da Boa Morte lentamente foram conquistando espaço na sociedade e se relacionando com as pessoas de influência na época. “A Irmandade começou ganhar muitos presentes, cortes de fazenda, jóias, as irmãs tinham acesso aos meios políticos, a beca indumentária que elas usam em períodos especiais de festa era de veludo, cetim e seda, demonstrando o poder e a reverência delas, que eram conhecidas como as negras do partido alto”, explica Pereira, braço direito na administração da Irmandade e do Memorial da Boa Morte.

Atualmente, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte situa-se em Cachoeira, tem a sua sede própria e uma capela em louvor a Nossa Senhora da Boa Morte. Atualmente, fazem parte dessa Confraria vinte e duas senhoras, que possuem uma estrutura hierárquica para garantir a devoção diária e doméstica de seus membros. No topo da administração está a Juíza Perpétua, atualmente Dona Estelita Sousa Santana. Ela não é escolhida por meio de votação ou por qualquer outro meio, mas por reunir uma série de pré-requisitos, tais como ter mais tempo de Irmandade, ter a idade cronológica avançada, comprovada devoção à Santa e, principalmente, conhecer os meandros da Irmandade. Esses segredos ficam restritos às pessoas da Confraria. Logo depois vêm os cargos de Procuradora Geral – que fica à frente das atividades religiosas e lúdicas, a Provedora, a Tesoureira e a Escrivã.

As noviças, para serem aceitas, têm que estar ligadas a uma casa de candomblé geralmente Gegê, Ketu ou Nagô-Batã, na região, e professarem o sincretismo religioso, deverão ser submetidas a uma iniciação de três anos, conhecido pelo nome de “irmã de bolsa”, por ser seu dever pedir esmola para a Irmandade, período em que é testada a sua vocação. Uma vez aceita, a noviça poderá compor algum cargo e ascender hierarquicamente.

As eleições são realizadas anualmente para a escolha da comissão da festa. Antigamente, a escolha da comissão para os preparativos da festa era feita por contagem de grãos de um caroço de feijão preto, simbolizando a aceitação; de feijão mulatinho, simbolizando a recusa, ou, ainda, de um grão de milho, indicando a abstenção. À Juíza Perpétua cabia o voto de Minerva, mas, hoje, a escolha é feita por consenso.

A realização da festa cabe à Provedora, que fica sob a supervisão da Procuradora Geral anterior, e a Comissão do ano vencido fica de sobreaviso para assumir total responsabilidade pela festa, caso a Comissão atual não consiga realizá-la. Em última instância, a festa deve ser assumida pela Irmandade da Paciência.

A festa é realizada no dia 15 de agosto para reverenciar Nossa Senhora da Boa Morte. Várias pessoas visitam Cachoeira neste mês: antropólogos, historiadores, turistas estrangeiros, além de órgãos de notícias do Brasil e do mundo, que vêm não só conhecer a festa, mas entender o significado dessa Confraria de mulheres negras.

Na quinta-feira, todas comparecem de branco à Igreja Matriz para a solene confissão. Voltando do confessionário, a irmã recém-confessada, ao encontrar-se com a que para lá se encaminha, abraça-a e desejam-se mutuamente paz e boa morte num simbolismo de sua condição de libertas, retratando a alegria de não morrer no cativo e o orgulho de sua raça. Na sexta-feira, vestidas de branco, símbolo de seu luto, as irmãs voltam à Matriz para assistirem a missa de Ação de Graças pelas irmãs falecidas, tendo junto ao altar a imagem de Nossa Senhora da Glória. Finda a missa, segue um cortejo com a imagem da santa morta pelas ruas próximas à Igreja. No sábado, com os trajes de gala, inclusive a beca – um xale de duas faces, vermelho e preto, tem-se a preocupação de só deixar aparecer o preto, símbolo do luto católico; os membros da Irmandade apresentam-se despojados de quaisquer jóias ou adereços, porém deixam à mostra os guias de seu orixá; as negras da Boa Morte da Casa da Irmandade caminham contritas, conduzindo o andor da Santa Morta, para lá transladado após a Missa de Corpo Presente. No domingo, tudo é alegria, é a Assunção de Maria, e o grupo segue com suas saias negras plissadas, deixando aparecer a barra interna vermelha sobre anáguas bem engomadas, batas brancas bordadas em richelieu por dentro das saias, toalhinha cobrindo a cabeça, amarrada na nuca de uma maneira toda especial e a beca no ombro. Depois um coquetel na sede da Irmandade e samba-de-roda no Largo da Ajuda, segue-se almoço das irmãs e convidados na sede da Irmandade. Daí em diante o samba-de-roda toma conta do Largo. Na segunda-feira, há o almoço na casa da Irmandade (suculento cozido), samba de roda no Largo da Ajuda e, no último dia, terça-feira, o azeite de dendê se faz presente através do caruru e da moqueca de peixe, servidos com muito arroz doce. Terminado o samba, as irmãs esperam que o último convidado se despeça para, a portas fechadas, darem início a um samba-de-roda exclusivo que só termina ao raiar de quarta-feira, quando se encerra a festa.

O grupo é de uma beleza plástica ao mesmo tempo estonteante e solene: em duas fileiras, tendo à frente as irmãs de bolsa e entre as filas a Juíza Perpétua, a Provedora com seu cetro e a Procuradora com uma minúscula imagem da santa, segue a Filarmônica Lira Ceciliana até a Matriz, onde é recebida no adro pela Irmandade do Nosso Senhor Bom Jesus da Paciência, que conduz o cortejo até o altar-mor, onde é colocada a pequena imagem. Então, é celebrada a missa, revestida de toda a pompa.

Essa confraria desafia a inteligência de pesquisadores, antropólogos, historiadores, devido aos seus rituais secretos ligados ao culto dos orixás, e se camufla atrás do culto católico, introduzindo elementos do seu sistema de crença e componentes sócio-histórico da sua realidade escravista que fizeram do seu cativo um martírio para os que vieram da diáspora. A devoção a Nossa Senhora da Boa Morte tem um significado social porque permitiu o acesso dos negros e a manutenção de sua religiosidade, seus rituais e costumes, valorizando sua individualidade e identidade cultural.

### 3. REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Luís Cláudio Dias do. **A Boa Morte em Cachoeira**: contribuição para estudo etnológico. Cachoeira: 1999.

NASCIMENTO, Luís Cláudio Dias do. **Candomblé e Irmandade da Boa Morte**. Cachoeira: Fundação Maria América da Cruz, 1998.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.